

ANALISE DO DISCURSO PEDAGÓGICO

Valéria Martins de Souza

(Trabalho final apresentado à Profª Graça Paulino na disciplina «Análise do Discurso» do Curso de Graduação em Letras da UFMG, 1986).

INTRODUÇÃO

Tomando por base alguns textos sobre Análise do Discurso (Orlandi, Veron), Ciências Sociais (Bourdieu) e Pedagogia (Laura Cançado e Maria das Graças de Castro Bregunci), bem como observação e registro de diálogos e falas, tanto de professores quanto de alunos da Faculdade de Letras e da Faculdade de Educação, este trabalho, longe de situar os discursos pedagógicos, em curso nestas duas faculdades, em perspectiva autoritária ou não, vai-se converter em tentativa de caracterizar, na fala de professor (monólogo), ou de professor com aluno, ou mesmo de aluno para aluno, o discurso que hoje vemos estabelecido dentro e fora das salas das faculdades de Letras e Educação da UFMG.

Não seria, o presente o trabalho, uma concordância com o que Eni Orlandi situa como autoritarismo no discurso pedagógico, dentro do que ela usa para caracterizá-lo: «Ao nível da linguagem sobre o objeto, o uso de dêiticos, a objetualização («isso»), a repetição, perifrases». Não nos parece, pelo menos, que o autoritarismo seja evidente porque na linguagem do professor ocorram tais fenômenos.

Por outro lado, todavia, poderíamos tomar auxílio a algumas de suas colocações acerca da circularidade, no discurso, da paráfrase, da mediação e, principalmente, da metalinguagem e do chamado «estatuto da necessidade» — a avaliação, que, por vezes, reveste os discursos dos professores do mais crasso autoritarismo.

Verifica-se, no trabalho, a checagem também de outras colocações de Eni Orlandi acerca dos papéis de professor e de aluno, da estagnação ou cristalização do professor como falante e do aluno como ouvinte, o que nos faz crer ser essa uma característica que aponta para o autoritarismo nas situações de discurso.

As contribuições de Verón resumem-se, principalmente, na referência aos «sintagmas cristalizados» evidentes nas falas de muitos professores e alunos.

Bourdieu também vai sustentar colocações desse trabalho quando se refere ao chamado «valor universal dos valores universitários» que se evidencia na fala de alguns professores em relação aos alunos, bem como da situação dos chamados laureados, «cu-de-ferro», que serão analisados mais tarde, quando se discorrer sobre um certo pacto discursivo que possibilita a troca de interlocutores e que nada mais é do que um mascaramento do autoritarismo presente em sala de aula. E, aqui, mais uma vez Eni contribuiu com suas colocações.

«Há, em relação à escola uma seleção que decide, de antemão, quem faz parte dela e quem não faz, quem está em condições de se apropriar desse discurso e quem não está. Há, entretanto, um outro processo interno, que não é o da simples seleção mas do esmagamento do outro.»

DESENVOLVIMENTO

Na tentativa de caracterizar, com base nas falas coletadas, os vários discursos atualizados por professores e alunos, importa propor uma divisão, com fins didáticos, situando:

1. O discurso moralista da professora M.
2. O paternalismo doce da professora A.
3. O abuso da mediação (vários professores).
4. A troca de interlocutores (o pacto).
5. Nota — palavra de ordem no discurso do aluno.

Por ser um trabalho que envolve falas distintas, num ambiente de situação educacional, fica difícil garantir que as colocações não vão se repetir, bem como que não haverá nenhuma referência a uma sociologia grosseira da universidade, pelo menos, para efeito de se contextualizar algumas falas.

1. O DISCURSO MORALISTA DA PROFESSORA M.

Pensemos em moralismo no que este impinge em termos de regras de boa conduta, de deveres e leis que, desobedecidos, acarretam situação de vergonha ou marginalidade e, em caso extremo, exclusão do convívio com outros. É a essa definição que se assemelha o discurso da professora M., desde os procedimentos (chamada todos os dias, roteiro de como será feita a avaliação durante o semestre — sem palpite dos alunos, é bom que se diga) até as evidências na fala — que é o que nos vai interessar mais de perto.

Mas como, ao nível da fala, essa professora deixa transparecer um código moral?

O sentimento de dever que, segundo Orlandi, preside o discurso pedagógico, vai aqui se resumir numa palavra, que, se não há engano, foi dita em torno de duas vezes a cada aula dessa professora: «decência».

«Eu vou levar isso pro colegiado, mas, em princípio, nós precisamos ter em mente que o curso precisa ter um mínimo de decência.» (36)

«Não sei porquê, a sua obrigação é só ler o texto e perguntar, se tiver dúvida. Numa democracia, é preciso fazer uma tarefa mínima (ler). Sem ler, não se faz um curso decente.

Vocês assim, fazem a ditadura do aluno. Não lêem e o professor tem de aceitar.» (4)

Mas a justificativa para que se prefira o comportamento docente (ler os textos, trazer as sínteses, repetir com nossas palavras frases ditas por ela) é tornada viva na fala em frases do tipo «é porque é» e em posições cristalizadas sobre, principalmente, o papel do aluno («aluno é aquele que não sabe e está na escola para aprender»). O curso torna-se um verdadeiro receituário de como ser decente na universidade.

«Cada comunidade, cada indivíduo deve determinar sua vida. As minorias têm todo direito de discordar e fazer diferentemente, o homem precisa ser livre.» (30)

«Mas se a gente não cobrar, se não houver um mínimo de cobrança, a tendência dos alunos é acomodar.» (24)

«A — Eu gosto de comprar livro. Detesto xerox. Gosto de organizado.

B — Mas eu não tenho dinheiro, professora.

A — Mas um livro custa mais barato que cerveja.

B — É. Mas eu não bebo cerveja, não.

A — Mas tem outras coisas que custam mais caro que o livro.

B — (do pacto) EU gasto mesmo é com o cigarro.

A — Está vendo? Cigarro custa mais caro que livro.» (25)

«Fique pra você aprender.» (50)

«É preciso que fique alguma coisa depois que tudo passou. Se não anotamos uma síntese mínima, necessária, depois, nada fica.» (18)

É importante que se registre que a posição do professor falante não era constante. Os alunos, em geral, eram «convidados» a falar o que, dentro do código moral de M., significava mérito e crédito. Essa fala, entretanto, não constituía troca de interlo-

cutores, situação de diálogo. Era uma paráfrase às colocações da professora que, não raro, exigia repetição dessas mesmas paráfrases em aulas, mais tarde.

— «Como você diria isso com suas palavras?»

— «Mas a Maria Lina não falou hoje. Ela deve estar querendo dizer qual é a diferença entre os dois planos.»

— «Você entendeu o que o Alexandre disse, José? Então repita.»

O que então se verifica, é que a fala dos alunos era devolvida à professora sob a forma da IB [IA (R)].

Com essa imagem da professora ao centro, tudo se converte em paráfrase: as falas, as sínteses, as aulas. E por que devíamos assim fazer? Porque era decente, Porque era o mínimo (dentro dos parâmetros «de quem?») e era o necessário («a quem?»).

A par de que, no discurso que Orlandi considera como autoritário, o referente é mascarado pela metalinguagem e pelo professor cientista, não é de se estranhar como os alunos puderam passar o curso, sem questionar o conteúdo. O que eles, em verdade, questionaram foi a forma de avaliação e a possibilidade de prolongamento do curso utilizada pela professora. Dito de outra forma, é como se os alunos dissessem: o que você ensina não interessa, o que interessa é que você consiga resposta positiva ao que o seu imaginário espera de nós e, portanto, nos dê nota boa, porque soubemos corresponder às suas expectativas.

Vejamos as citações:

«Ela não vai dar prova mesmo!»

A — «A argumentação não procede.»

B — «Mas nós sempre entregamos trabalhos juntas na nossa Escola.»

A — «Então, façam juntas mas entreguem dois papéis. Pronto!»

B — «Saco!»

A — «Saco não! Na sociedade, a gente é cobrado, individualmente. Por isso é que a gente não vai pra frente nunca.»

(Ver fala 36 do apêndice).

Essa discussão foi amansada e abafada com: «E vocês não gritem não, que a outra sala está em aula e pode pensar que vocês são malucos.» «Vocês vão pegar um papel em branco e copiar as 2 questões que fizeram em casa.»

As perguntas sócio-cêntricas eram sempre reforçadoras da paráfrase: «Né?» mais de cem vezes em cada dia de aula, e outras expressões: «então» por volta de quarenta vezes e «Vamos dizer» também por volta de quarenta vezes. Essa última atenta para a contradição também ouvida na fala de outros professores acerca de uma ação conjunta (dizer) que não existe. Quem diz é um só (o professor) e, quando os alunos falam, é mera repetição, é como se o professor se materializasse na fala dos alunos.

«Você sabe que aquela seção é inventada.»

«Playboy e Status, trazem, quase sempre, contos de bom nível.»

«Vocês estão ficando doutores hem? Já sabem fazer análise idealista e dialética, não é?»

«Na aula atrasada nós falamos sobre as teorias da aprendizagem. Hoje nós vamos fazer uma crítica.»

Voltando ao que, no início, foi dito sobre moralismo, chegamos ao extremo, no nível da fala, sem falar nos gestos, sorrisos etc: a expulsão do convívio junto aos decentes, dissimulada ou diretamente declarada no discurso:

A — «Então você não devia fazer.»

B — «Como assim?»

A — «Deixa prá lá.»

B — «Ô menina boba, ela tá te mandando embora da escola, minha filha.»

«Por que você não volta no semestre que vem?»

«Depois dessa prova, quem tirar menos da metade, não precisa aparecer mais.»

2. O PATERNALISMO DOCE DA PROFESSORA A.

Essa segunda professora demonstrou, pelo menos durante todo o curso, uma fala pendendo para a familiar, o pessoal, desde o primeiro dia, em círculo onde todos contaram sua vida até as expressões que, não raro, saíam de sua boca e que reviviam um paternalismo suave:

— «Ei, querida! Tá boa?»

— «Sua mãe melhorou, filha?»

— «Mim não faz nada. Me desculpe tá? mas, eu tenho que te corrigir.»

Quando não se via o paternalismo, o discurso descambava para um sucedâneo daquele: o emocional, chegando, às vezes, à chantagem:

— «O professor da Faculdade de Educação também é uma pessoa humana, cheia de inculcações...»

E por quê isso?

Entre outras coisas, essa professora desenvolveu uma situação de humildade e quase humilhação em relação aos alunos, evidenciada no discurso:

— «Desculpa, tá?»

— «Você me corrige, tá?»

Isso é bem curioso, na medida em que sabemos, ao nível da fala, que quem acata essa posição é, em geral, o aluno.

- «Tá certo, L. C.?»
- «É isso mesmo, professor?»
- «Tem alguma coisa a ver?»

O que, todavia, levou a essa inversão e a uma quase participação silenciosa dessa professora foi, quem sabe, o surgimento de uma aluna que tomou a voz e tornou-se, ela, a figura A em relação à sala. A brecha que permitiu a passagem dessa interlocutora não parece senão a redundância e o oco do discurso dessa professora.

«Ao invés de prova e resumo, há perguntas inteligentes como por exemplo:

- Qual é o personagem principal?
- Gostou do livro? Por quê?
- O pedaço que mais gostou? Por quê?

Não é preciso ser gênio para notar que essas perguntas não têm nada de inteligência. Vejamos outra fala:

— «Os livros de didática trazem textos de Cecília Meirelles, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga etc; são os melhores cronistas do nosso tempo, mas é importante que o professor varie isso com autores novos.»

Acontece que ela não citou um cronista diferente sequer.

A aproximação que advinha desse discurso puramente emocional conseguia também dos alunos uma posição emocional evidenciada na fala, para com essa professora:

- «Coitada da A.!»
- «Como pessoa ela é muito legal!»

Mesmo com a destituição dessa professora do cargo de falante exclusiva, a posição A não coube a outros mais, isso porque o discurso da aluna detinha todo o controle da fala através das divisões:

— «Existe a descrição no nível simbólico, icônico...»; da mediação:

— «Não gostei quando Magda (Magda Soares) abandona Boudieu. O erro dela foi esse.» e várias outras falas; que revelam domínio do português padrão (bem maior que o da professora):

«elucubrações»,

«sintomático»,

«O dizer do outro»,

«enquanto instância do processo»

«esse tipo de amarramento»,

«resgatar», «dimensão», «ao nível do discurso.»

O jogo de poder que a fala evidenciava entre as duas renascia nas tentativas da professora em citar livros que a outra não leu e dessa em reagir através de olhares, conversas paralelas ou mesmo retirada brusca da sala no meio da fala de uma colega como forma de medir forças.

Vejamos o que a aluna disse, num dado dia:

«Eu agora vou dar uma de menino pirracento, sabe? Eu já estou de saco cheio dessa aula. Vou abrir o livro no meio da aula dela pra ela ver que eu não estou nem aí.»

e ainda (ironicamente) acerca de uma aula da professora.

«Gostaram das receitas de forno e fogão?»

3. O ABUSO DA MEDIAÇÃO (VARIOS PROFESSORES)

Quando o professor assume a posição do cientista, sendo dono do conhecimento, ou na hipertrofia de ser ele mesmo o conhecimento, verificamos o lançar mão de certos recursos e construções ao nível da fala, que terminam por mascarar essa situação com base na mediação e na metalinguagem.

Tomemos esta frase:

«Eles costumam dizer co-texto.»

Que «eles» são esses?

O discurso se arma de tal forma que, como o professor tem partes com esses «eles», que, via de regra, são os teóricos dessa disciplina, especialistas; como o aluno, pobre mortal, se arriscaria a contestar? A não ser que também o aluno detivesse o capital cultural, via livros, de alguns professores como no caso da aluna do item 2.

«O Roland Barthes disse...»

«Segundo Saviani» (fala de aluno)

«Flora Sussekind tem um livro...»

Às vezes, também o professor faz uso de colocações do tipo:

«Leiam o livro X. Ele não é difícil, não. E é fininho.»

Dando a entender que os alunos, ao contrário dele, professor, precisam de fontes mais acessíveis e fáceis e que não demandem grandes esforços de criaturas tão distanciadas dos teóricos da disciplina que eles estudam.

«Vocês se lembram também como Thorndike afirmou que a aprendizagem só se dá por ensaio e erro.»

É importante também que se diga que a mediação não se processa apenas no citar autores, mas também no citar lugares e situações distantes dos alunos:

«Quando eu morava nos Estados Unidos.»

«Minha sogra sabe francês, mas não tanto. Ela não morou na França como eu.»

Isso pode estender-se aos parentes dos professores também:

«Minha mulher agora está nos Estados Unidos.»

De alguma forma, isso privilegia o discurso desse professor, já que, ainda que remotamente, o lugar é o da procedência de muitos dos teóricos estudados.

O valor social dessas situações consegue até mesmo situar os professores em escalas de valor, no discurso dos alunos.

A — Faz matéria com a...

B — Ué? Por quê?

A — Ela fez mestrado na França.

Quanto mais o professor ou o aluno tiver domínio da metalinguagem que se faz sobre o assunto, mais seu poder de fala fica resguardado, na medida em que o referente perde o lugar de destaque e importa que se saiba o que se disse de X e não X, especificamente. Essa situação tira da esfera dos possíveis interlocutores um leque bem grande de indivíduos.

A propósito, convém ilustrar com um diálogo entre professor e aluno, onde o professor temia perder seu domínio de fala, já que a aluna detinha capital cultural (leitura de livros) bem maior que o do professor.

(prof.) A — ..., você já leu... de Machado de Assis?

B — Não.

A — Ah! O seu fichário de Machado de Assis não está em dia, não é?

4. A TROCA DE INTERLOCUTORES (O PACTO)

Partindo da pressuposição de que o que é inadmissível no discurso autoritário é a cristalização de professor e aluno nas posições falante/ouvinte, respectivamente, poderíamos aplaudir toda troca de interlocutores como sendo o derretimento dessa cristalização. Certo? Talvez não.

Quando Bourdieu faz referência ao «valor universal dos valores universitários», da pré-concepção que os professores parecem atribuir ao tipo ideal de aluno, sem, conscientemente, levar em conta a situação social e os outros determinantes que fazem deste um bem sucedido e daquele um fracassado, poderíamos supor que o professor determina para si uma imagem de aluno ideal. Essa imaginação é que possivelmente vai fazer aproximarem-se dele, inconscientemente, alguns «queridos» que, quase sempre, se sentam à frente, não anotam, sentam-se mais ou menos juntos, são freqüentes, conversam nos corredores com o professor, não acham graça das piadas do professor quando o restante da turma acha, entre outras coisas.

O que então acontece? O professor alterna-se em ouvinte ou falante mas só com esses alunos (3, 4, no máximo 5). A troca ocorre, mas limitada, tão limitada que poderíamos compará-la a uma representação teatral onde a maioria da turma continua estagnada como ouvinte.

Quem sabe esses não seriam os «laureados», «cu-de-ferro», a que faz referência Bourdieu?

Ao nível da fala, se parecem: falas ininterruptas, sintagmas de contacto — «vamos dizer», «por assim dizer», «Eu não sei» — formas dispensáveis mas sempre presentes: «interessante; o futuro do pretérito: «seria», «acharia»; o pronome relativo «qual» e, como não poderia deixar de ser, as citações, garantindo a mediação: |Alfredo Bosi tem um livro muito bom».

Como a escolha dos laureados depende da imagem que o professor tem do aluno, pode acontecer de um aluno pertencer a este pacto, mas não a outro em outra sala.

«Aqui eu não falo. Veja a distância que sento. Você se lembra com a ... eu falava mesmo. Aqui com a ... eu fico tímida.»

O discurso que parte do professor para com estes alunos é de distinção e camaradagem, muitas vezes. Chamam-os diretamente pelo nome (sabe o nome desses alunos, diga-se de pas-

sagem), conversam assuntos pessoais ou da disciplina, quase nunca de avaliação.

«Ah O...! Você chegou! Agora eu posso dizer que a aula começou.»

«A — ..., eu deixei de entregar duas redações. Tem problema?»

B — Que é isso minha filha? Você não precisa fazer mais nada. Você é um dos meus orgulhos!»

5. NOTA. PALAVRA DE ORDEM NO DISCURSO DO ALUNO

Como afirma Eni Orlandi, «o sentimento de dever preside o Discurso Pedagógico». Assim sendo, há que se garantir o cumprimento do dever através de créditos.

O discurso pedagógico, do lado dos professores, lida com essa questão, ao que parece, no nível da paráfrase ou do imaginário de aluno ideal: «Quem parafraseia o que eu disse merece crédito e quem eu acho que é digno merece também.» Mas e para os alunos? Como eles situam o sentimento de dever?

Depois de observar a fala dos alunos das duas Faculdades em estudo, não parece haver muita dúvida: em geral os alunos se submetem ao processo de avaliação como ele é concebido e seu discurso tem como tônica o fato de o professor ter esse poder de avaliar. Portanto a escola tem por obrigação escolarizar, no que Eni Orlandi cita sobre o conceito de escolarização, qual seja, a aquisição da metalinguagem.

Não interessa o referente, nem a troca de interlocutores, importa refletir como espelho o dito do professor e torcer para que ele simpatize com o aluno, enquadrando-o dentro do clube dos «laureados».

A — «Ela me adorava. Passei com noventa e oito.»

B — «Você nasceu com a centelha. Todos os professores te adoram.»

A — «Nem todos. O homem dos «cachinhos de ouro» não gostava de mim.» (17)

A — «Pior é que a gente tem que engolir calada, né?»

B — «Ué? Por quê?»

A — «Nossa! Se protestar, ela marca. Ela dá bomba na pessoa.» (41)

A — «Eu tenho uma porcaria de nota até hoje.»

B — «E o meu professor de Lingüística tem cem pontos na mão pra distribuir.»

A — «Isso é um perigo.»

B — «Você já pensou? Ser reprovada duas vezes na mesma matéria por incompetência do professor?»

A — «Ah! Que é isso, boba? Dessa vez você passa. Nem que seja sem saber.» (42)

(Ver item 44 do apêndice).

CONCLUSÃO

A discussão com pretensões de análise sobre o discurso pedagógico não se esgota nessa exposição sintética, que toca em algumas das questões levantadas.

Menos do que uma conclusão, seria bom registrar que não se conseguiu até aqui a postura que classifique os vários discursos em seu pendor para o autoritarismo ou para o polêmico. O que se nota é que o professor não é a encarnação desse ou daquele discurso. Existem contradições, momentos de coroa-mento do autoritarismo, momentos de diálogo, momentos de intervenção por parte dos alunos bem como reforço do monólogo do professor através das paráfrases ou do pacto estabelecido entre o professor e alguns alunos.

O que então se conseguiu firmar ou descobrir com base nesse esboço de análise?

— O discurso pedagógico em curso na FALE e/ou FAE, por vezes, pode mostrar-se autoritário: no sentimento de dever, no monopólio da fala, na subestimação da capacidade dos alunos, através da mediação e da metalinguagem.

— É desse discurso o uso de meios que viessem a abrandar o jogo agressivo de dominação: piadas, gracejos, paternalismos.

— O discurso torna-se autoritário, porque restrito a um grupo reservado que pode, inconscientemente, calar ou simplesmente eliminar e esmagar os falares dos outros.

— A metalinguagem é a meta. Diz X, sabe X. Quem não sabe o que se diz sobre X, não sabe X.

— O estatuto da necessidade (avaliação) é a mola mestra da circularidade e autoritarismo no discurso pedagógico. É a garantia de que o aluno se escolarizou e atingiu a Imagem que o professor tem do que se disse sobre o referente, ou quem sabe seja a prova de que o aluno respondeu às expectativas do professor e aqui já não se sabe se essas expectativas se relacionam ao saber ou às nuances que o professor busca encontrar no aluno, para ele, ideal.

E aqui, pode-se prescindir tanto do referente quanto da própria metalinguagem: às vezes, basta o imaginário.

BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 1982.

ORLANDI, Eni. *A linguagem e seu funcionamento*. São Paulo, Brasiliense, 1983.

VERON, Eliseo. *A produção de sentido*. São Paulo, Cultrix-EDUSP, 1980.

RIBEIRO, Laura Cançado.

BREGUNCI, Maria das Graças de Castro. *O papel da autoridade do professor: as bases do poder social como foco de análise da interação em sala de aula*. Belo Horizonte, UFMG.

APENDICE

01. «Eu não tenho problema nenhum com aluno que sabe mais do que eu. Hoje eu estou muito cansado. Não estou a fim de dar aula. Mas não tem problema. De qualquer jeito sai aula.»
02. «Não gosto de impor a minha posição na hora que vocês estão discutindo.»
03. «Eu não ficava fazendo discursos.»
«Eu é que não dou o curso do jeito que vocês querem.»
«Essa questão é importante e relevante.»
«Mudaram os nomes, as expressões.»
«O montante, a força prior.»
«Angariando e juntando.»
«Essa tendência, essa corrente, essa inspiração.»
- 04 «Não sei porquê, a sua obrigação é só ler o texto e perguntar se tiver dúvida. Numa democracia, é preciso fazer uma tarefa mínima (ler). Sem ler, não se faz um curso decente. Vocês assim, fazem a ditadura do aluno. Não lêem e o professor tem de aceitar,»
05. «Ela te pede para falar, para te provar que você não sabe.»
06. «Não passa por aí...»
«O amarramento...»
«Seria...»
«Não sei...»
«Enquanto profissional...»
«;. responde bem...»
«... é todo um...»
«... anular o dizer do outro...»
«Prescinde do professor. Não precisa do professor...»
«Dentro de sala, o discurso privilegiado vai ser sempre o do poeta.»
«O nome me fugiu...»
«... interessante...»

«... com o qual...», «... Né?», «... questão», «... relação...», «... momento...», «... complicado...», «... simplismente fantástica...», «... proposta política...», «... nestes termos...».

07. «Vocês têm uma idéia?» «Vamos»
08. «Recolocado, reformulado...»
«Divulgado e reforçado»
09. «Se era pra dormir, eu ficava em casa, né professora?»
«Que inferno! Populismo barato.»
10. «Não suporto mais essa menina. Acho que não vou agüentar. Vou pedir aposentadoria. A... precisa se acalmar.»
11. «Vamos voltar à vaca fria do trabalho...»
12. «O hall seria mais interessante que o auditório.»
13. «Gravei quando eu morava nos E.U.A. Mas meu sistema é Beta e ninguém tem sistema Beta no Brasil.»
14. «Por exemplo, uma das respostas podia ser puxar a corrente, por exemplo.»
«Thorndike argumentava que o animal pode aprender, não através do raciocínio, mas por ensaio e erro.»
«Não é mesmo? Tá legal?»
15. «Não vou fazer chamada. Prefiro ter cinco alunos na sala, interessados, do que trinta desinteressados, presos por causa da chamada.» (em agosto)
«Na aula que vem, vou fazer chamada às 7 horas. Essa infreqüência desestimula o professor.» (em setembro)
16. A — «A argumentação não procede.»
B — «Mas nós sempre entregamos trabalhos juntos na nossa Escola.»
A — «Então, façam juntas mas entreguem dois papéis. Pronto!»
B — «Saco!»
A — «Saco não! Na sociedade, a gente é cobrado individualmente. Por isso é que a gente não vai pra frente nunca.»

17. A — «Ela me adorava. Passei com noventa e oito.»
B — «Você nasceu com a centelha. Todos os professores te adoram.»
A — «Nem todos. O homem dos «cachinhos de ouro» não gostava de mim.»
18. «É preciso que fique alguma coisa depois que tudo passou. Se não anotamos uma síntese mínima, necessária, depois, nada fica.»
19. A — «Tô achando que a... é sapatão. Observe o olhar dela pra...»
B — «Será?»
A — «É sim! Desde o primeiro dia, eu achei ela com cara de homem.»
20. «Você sabe que aquela seção é inventada.»
«Playboy e Status trazem, quase sempre, contos de bom nível.»
21. «Aqui eu não falo. Veja a distância que eu sento. Você se lembra com a... eu falava mesmo. Aqui, com a..., eu fico tímida.»
22. «Não vou fazer chamada hoje. Mais importante que a chamada é a presença de vocês, o interesse pela aula.»
23. «Eu estava pensando num horário de consenso: que tal sete e quinze?»
24. «A — Eu estou cansada de agüentar chefe mandando a gente fazer as coisas, professor mandando fazer trabalhos.»
B — «Mas se a gente não cobrar. Se não houver um mínimo de cobrança, a tendência dos alunos é acomodar.»
25. A — «Eu gosto de comprar livro. Detesto xerox. Gosto de tudo organizado.»
B — «Mas eu não tenho dinheiro, professora.»
A — «Mas um livro custa mais barato que cerveja.»
B — «É. Mas eu não bebo cerveja, não.»

- A — «Mas tem outras coisas que custam mais caro que livro.»
 B — (do pacto) «Eu gasto mesmo é com cigarro.»
 A — «Está vendo? Cigarro custa mais caro que livro.»
26. «Ele tem que usar essa dinâmica, esse movimento, esse método.»
27. A — «Acho que vou tomar bomba co'essa mulher.»
 B — «Que é isso, menina? Começa a rir pra ela!»
 A — «Eu não consigo. Eu não tenho o dom de puxar saco.»
 B — «Ah! Faz um sacrificio.»
28. «Vocês estão ficando doutores hem? Já sabem fazer análise idealista e dialética, não é?»
29. «Passando, pela sala, por acaso, vi o Globo Repórter...»
30. «Nós vamos ver...»
 «Vamos dizer...»
 «Cada comunidade, cada indivíduo deve determinar sua vida. As minorias têm todo direito de discordar e fazer diferentemente, o homem precisa ser livre.»
 «mínimo...»
 «então...»
31. «Os livros de didática trazem textos de Cecília Meirelles, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga etc; são os melhores cronistas do nosso tempo, mas é importante que o professor varie isso com autores novos.»
32. «Na aula atrasada nós falamos sobre as teorias da aprendizagem. Hoje, nós vamos fazer uma crítica. Vocês se lembram que eu falei que nem o condicionamento clássico, nem o condicionamento operante podem sozinhos explicar a aprendizagem. Vocês se lembram também como Thorndike afirmou que a aprendizagem só se dá por ensaio e erro.»
 «Tá legal?»
 «É...»
 «Pra mim chegar»

«Não sei se foi numa ilha ou num país da África. Não me lembro exatamente.»

«Vocês se lembram que eu falei que um dos princípios básicos do behaviorismo é a continuidade filogenética, ou seja»...

«Vocês se lembram que na teoria de Skinner...»

33. «Mais contração, diria assim, é uma palavra ótima.»
34. A — «Você quer trabalho grande?»
B — «O trabalho não tem limite de tamanho. Eu sempre fiz trabalhos pequenos e bons. Admiro que tem capacidade de síntese. Eu tenho essa capacidade. Você tem?»
35. «Minha sogra sabe francês, mas não tanto. Ela não morou na França como eu.»
36. A — «Mas assim não adianta discutir.»
B — «Ah! Adianta só quando você ganha a causa, não é?»
A — «Não. Não é assim não.»
B — «É sim. Se vocês têm problemas, a instituição também tem problemas.»
A — «Mas a culpa não foi nossa do curso começar mais tarde.»
B — «Nós vamos estudar o problema.»
A — «Quando?»
B — «Você não está entendendo. Isso que vocês estão fazendo é uma ditadura dos alunos. A solução vai ser trazida na aula que vem. E vocês não gritem não que a outra sala está em aula e pode pensar que vocês são malucos. Eu vou levar isso para o colegiado, mas em princípio, nós precisamos ter em mente que o curso precisa ter um mínimo de decência.»
A — «Acontece... que eu vou me formar dia 13. Você prolongando até dia 12, não vai dar tempo de eles estudarem meu currículo.»
B — «É! Suas notas não estarão prontas até lá não.»
A — «Mas eu vou me formar.»
B — «A culpa não é minha.»

- A — «E nem minha.»
 B — «Eu só coloquei o problema. Agora não é hora de discutir.»
 A — «É agora sim.»
 B — «Você não está entendendo. Vocês vão pegar um papel em branco e copiar as 2 questões que fizeram em casa.»
37. «Desenvolver um pensar»
 «O dizer do outro precisa ser respeitado»
 «O pensar do outro precisa ser respeitado»
 «Eu acho complicado»
 «Esse é um trabalho que eu acho simbólico, quando se passa pra diversificação fica complicado.»
 «Não sei como que está em torno de Paulo Freire, mas eu gosto de uma coisa que ele diz sobre a definição do professor como coordenador.»
 «Pode ser que seja complicado fazer isso porque isso já está sedimentado, vamos dizer, assim, por assim dizer, mais ou menos.»
38. «Eles COSTUMAM dizer co-texto.»
39. «Perfeito»
 «Exato»
 «Gostei da expressão.»
40. A — «Aí Comecei.»
 B — «Não é isso. É que você podia marcar logo a prova, o dia, a matéria.»
 A — «A tempo vocês saberão.»
 B — «Mas eu já podia ir estudando. Tem tanto trabalho pra fazer. Marca de uma vez, M.?»
 A — «Mas o que é isso? Você está muito nervosa, minha filha.»
 B — «Isso é porque não é você.»
 A — «Eu tenho meus compromissos. Só que eu não fico assim não.»
 B — «Ah é? Você tem um monte de trabalhos para fazer?»

Um monte de sínteses para entregar? Gente te pressionando toda hora? Tem é? Eu já estou cansada de tanto trabalho. Dormir 2 horas da madrugada, fazendo síntese de terça pra quinta.»

A — «Ah! Então, você não devia fazer.»

B — «Como assim?»

A — «Deixa pra lá.»

C — «Ô menina boba, ela tá te mandando embora da escola, minha filha.»

41. A — «Pior é que a gente tem que engolir calada né?»
B — «Ué? Por quê?»
A — «Nossa! Se a gente protestar, ela marca. Ela dá bomba na pessoa.»
42. A — «Eu tenho uma porcaria de nota até hoje.»
B — «E o meu professor de Linguística tem cem pontos na mão pra distribuir.»
A — «Isso é um perigo.»
B — «Você já pensou ser reprovada duas vezes na mesma matéria, por incompetência do professor?»
A — «Ah! Que isso boba? Dessa vez você passa. Nem que seja sem saber.»
43. «Você está boa?»
«Oi, querida!»
«Querido, nós já estamos aqui, viu?»
44. A — «Você acha o ... bom?»
B — «Eu acho.»
A — «No ano passado o povo meteu a língua nele.»
B — «Ah! É porque o professor a gente diz se é bom ou não, depois da primeira prova.»
45. A — «Ih!... Eu estou formando. Olha a minha nota.»
B — «Aluno que está formando não é problema meu. Não diferencio alunos. A mesma avaliação que é feita com relação a um é feita em relação a outro.»

46. «Essa disciplina não é meus amores, mas vou dar assim mesmo.»
47. «Eu não estou gostando de mim esse semestre. Estou ruim mesmo.»
48. «Ao invés de prova e resumo, há perguntas inteligentes, como por exemplo: Qual é o personagem principal? Gostou do livro? Por quê? O pedaço que mais gostou? Por quê?»
49. «... Fique pra você aprender.»
50. «Vocês tem que entender que o professor também é motivável.»
51. «Se eu falar mal, você me corrige, Paulinho?»
52. «Ah O...! Você chegou! Agora eu posso dizer que a aula começou.»
53. «Eu acho que quando o aluno não está sabendo, é obrigação dele trancar a matrícula.»
54. «Eu quero que vocês leiam esse texto. Mas não é leitura de 2º grau não, é ler como quem está na Faculdade de Letras.»
55. A — ..., «eu deixei de te entregar duas redações. Tem problema?
B — «Que é isso minha filha? Você não precisa fazer nada mais. Você é um dos meus orgulhos!»
56. A — «Esse texto analisa o problema da fonologia de uma maneira dialética, não é?»
B — «O que você entende por dialética?»
A — «Bom! Pra mim dialética é analisar um fato dentro de um contexto.»
B — «Ah! Mas não existe só uma dialética, existe a dialética marxista, a dialética tomista. A qual delas você se refere?»

57. A — «Ah não! Pode guardar estas folhas todas. Não pode consultar.»
B — «Eu não vou olhar não professora. Eu não preciso disso não.»
«A — «Está bom! Eu não quero criar problema pra você.»
B — «E nem eu pra senhora.»
58. «Por que as criancinhas estão agitadas? Não está ventando nem chovendo?»
59. «Entrega essa prova logo! Esses alunos que consultam demoram, porque ficam copiando.»
60. «Enquanto o professor tiver o direito de avaliar, eu continuo dando aula. Porque o dia em que até esse direito me for tirado, não há dinheiro que me faça dar aula pra esse indivíduo.»
61. «Depois dessa prova, quem tirar menos da metade não precisa aparecer mais.»
62. «Por que você não volta no semestre que vem?»